



AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FOMENTO PARA INCENTIVO E A FORMAÇÃO LEITORA

Carlos Antonio de Souza ¹
Farney Messias Araújo ²
José Adailton Rocha Pontes ³
Jocicleide de Sousa Freitas ⁴

Comics as a tool to encourage the incentive and formation of reading

Resumo:

Ler e escrever constituem-se como habilidades fundamentais na plenitude do ser humano, uma vez que são competências capazes de proporcionar seu desenvolvimento em todos os segmentos de sua existência, facilitando, sobremaneira, sua inserção social. Nesse contexto, o presente trabalho visa apresentar as contribuições das histórias em quadrinhos (HQ) como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, com destaque para a formação leitora. A pesquisa evidencia uma revisão bibliográfica, acompanhada de uma pesquisa de campo e a utilização do método de estudo descritivo, com uma abordagem quantitativa e tratamento estatístico dos dados coletados. Como suporte teórico, destacamos algumas obras: Vergueiro e Ramos (2009), Koch e Elias (2006), Kleiman (2002), Ulbricht (2014), Sousa (2001), dentre outros. Objetiva-se, por meio desta pesquisa, conhecer a relação que os estudantes do ensino fundamental, bem como do ensino médio de uma escola pública, mantêm com as histórias em quadrinhos. A pesquisa também busca saber se, por meio da leitura das histórias em quadrinhos, esses educandos se sentiram estimulados a procurar ler outros gêneros literários e se os professores, principalmente de Língua Portuguesa, utilizam as HQ em sala de aula como metodologia para ensinar a ler. Com os dados coletados transformados em números estatísticos, a pesquisa concluiu que a leitura das revistas de HQ coloca-se como uma forte aliada para se formar leitores proficientes.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Fomento. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract:

The act of reading and writing constitute the main skills acquired by the human being able to provide his development in all the followings of his existence, facilitating his social insertion provided by the habit of reading. In this context, the present monographic work called The Contributions of Comic Books (HQ) as a Pedagogical Tool in the Teaching Learning Process, is a research that involves a vast bibliographical review accompanied by a field research and the use of the method of a descriptive study, with a quantitative approach and statistical treatment of the data collected. The purpose of this research is to know a relationship that the students of the elementary school, as well as, to do the high school of a public school maintain with Comics. The research also seeks to know if through the reading of the Comics, these students were stimulated to seek to read other literary genres and if the teachers, mainly Portuguese-speaking, use the HQ in the classroom as a methodology to teach reading. With the collected data transformed into statistical numbers the research concluded that the reading of the comic's magazines places itself as a strong ally to become readers.

Keywords: Comics. Pedagogical Tool. Development. Reading Training.

1. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Ateneu (UniAteneu). Professor efetivo da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC) na Escola de Ensino Médio Antônio Luiz Coelho.

2. Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário (SENAC). Especialista em Gestão Escolar: Orientação e Supervisão, pela Faculdade da Grande Fortaleza (FGF). Professor efetivo da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC).

3. Especialista em Educação a Distância pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela FAK. Professor efetivo de Língua Espanhola da Prefeitura de Maranguape e coordenador pedagógico da EEM Antônio Luiz Coelho.

4. Professora Especialista em Fisiologia do Exercício (UECE) e Educação Física na Educação Básica (UECE). Professora efetiva da rede estadual de ensino do estado do Ceará (SEDUC).

1. INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQ) que lemos contemplam uma conexão entre os textos e as imagens, oferecendo um maior incentivo para que o leitor busque em seu cotidiano outros tipos de leituras. Esse gênero textual, em conjunto com outros gêneros, formam um repertório de instrumentos que estimulam o raciocínio e a imaginação do leitor, sejam elas crianças, jovens ou adultos.

As HQ talvez sejam o gênero textual mais antigo que possa existir no conjunto de conhecimentos passados à humanidade. Sua inspiração surge com as descobertas de pinturas rupestres encontradas em antigas cavernas que eram habitadas pelos primeiros homens existentes na face da terra na era primitiva, que se valiam das pinturas para registrar suas histórias de conquistas e derrotas vividas durante sua existência dia após dia. Esse tipo de escrita metódica nos conduz a refletir sobre a importância da comunicação, mesmo que seja através de imagens codificadas.

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita completam-se formando um único conjunto que nos torna capazes de adquirir conhecimentos teóricos e, conseqüentemente, práticos de atividades mediadas pela mentalidade de outros indivíduos pensantes. Dessa forma, o ato de ler nos torna pessoas conhecedoras de nós mesmas, transformando-nos em decifradores de códigos com capacidade de transformá-los em linguagem oral.

Desde sempre e nos dias atuais, há a necessidade de sermos estimulados a nos envolvermos muito cedo com os símbolos, "letras", que formam palavras, e estas que se transformam em frases para juntas formarem um conjunto de ideias que conhecemos como texto. Esse contato precoce nos proporciona processar um leque de informações que nos chega através de diversos meios de comunicação, como, por exemplo, a imprensa escrita, caracterizada por jornais e revistas, a televisiva, a radiofônica e a digital, "internet", que nos força a desenvolver habilidades de leitura para que possamos processar uma vasta gama de informações diversificadas, ligando os textos às imagens.

O trabalho que ora apresentamos, cuja temática evidencia "As Histórias em Quadrinhos" como Fomento para o Incentivo e a Formação Leitora, é fruto de minha curiosidade por respostas para esclarecer a hipótese de que a leitura das histórias em quadrinhos possui relevância como instrumento apropriado para incentivar e desenvolver o gosto pela leitura em estudantes a partir das séries iniciais no ambiente escolar. Partindo dessas considerações, propomo-nos a analisar e discutir o gênero literário das HQ, como instrumento que retrata diferentes temáticas capaz de influenciar o afloramento do senso crítico do indivíduo.

Nesta pesquisa, objetivamos analisar as possíveis contribuições das Histórias em Quadrinhos como ferramenta pedagógica utilizada no ensino e aprendizagem na formação leitora de alunos do ensino básico. De maneira mais específica, buscamos averiguar se há utilização das Histórias em Quadrinhos no ensino da Língua Portuguesa, discutir sobre o papel das HQ na formação leitora dos alunos do ensino fundamental e ensino médio, traçar o perfil dos alunos leitores de gibis, bem como exemplificar estratégias de uso desse gênero na sala de aula como ferramenta pedagógica.

Procuramos tratar os assuntos aqui discutidos auxiliados por uma literatura inerente ao que nos propomos pesquisar. Durante essa trajetória, apropriamo-nos do conhecimento de muitos autores que tratam dessa temática com riqueza de informações. Dada a importância a todos esses pesquisadores, limitamo-nos a destacar alguns, tais como: Vergueiro e Ramos (2009), Koch e Elias (2006), Kleiman (2002), Ulbricht (2014), Sousa (2001), dentre outros.

2. A TRAJETÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ)

As histórias em quadrinhos (HQ) são caracterizadas por uma completude de diálogo textual e de gravuras que contextualizam e comunicam ao leitor uma história verdadeira ou simplesmente um acontecimento fictício. Assim, recebem diferentes definições. Scott McCloud (1995 *apud* FRANCO, 2004, p. 23) define as HQ como

imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no expectador.

Porém, de acordo com Mercado (2007, p. 81),

histórias em quadrinhos são enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. São facilmente identificadas por sua peculiaridade por meio dos desenhos dos balões e dos quadros.

Por essa ótica, possivelmente o primeiro indício de cunho artístico relacionado aos quadrinhos sejam os achados arqueológicos supostamente dos povos primitivos registrando, através de pinturas e desenhos em superfícies sólidas, "Rochas", as atividades por eles desenvolvidas em seus cotidianos. Há convincentes indícios históricos de que, no período pré-histórico, a comunicação dos homens se dava por meios de mímicas e a emissão de sons da fala, caracterizados por gritos ou grunhidos. Porém, nesse período, a emissão de sons e a comunicação por meio de gestos não supriam totalmente suas necessidades de transmissão de mensagens. Dessa forma, o homem pré-histórico, de acordo com Silva e Araújo (2012, p. 37; 38),

passou a recorrer aos desenhos ou gravuras para exprimir as proezas e os perigos vencidos. Isto representou um passo de extraordinária importância na evolução do homem, pois foi seu primeiro esforço para tornar visível o pensamento e o sentimento de uma forma duradoura.

3. AS HQ COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

O ser humano é fadado a viver em sociedade e não consegue sobreviver longe da aquisição de informações e, conseqüentemente, de sua compreensão. Entretanto, saber ler e sintetizar os informes dessa leitura são de primordial importância, principalmente nos dias atuais de globalização do planeta, quando a educação é o principal pilar de sustentação do indivíduo em qualquer sociedade que se encontre inserido. Segundo Dell'isolla (2010, p. 19),

geralmente as pessoas costumam definir leitura como 'entendimento das ideias do autor' ou 'a assimilação de informações impressas'. No entanto, essas definições são apenas parte da verdadeira definição do que é leitura.

Para Kleiman (2002, p. 10),

em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores. Crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária. Isto é, o grupo social em que fomos criados.

No âmbito nacionalista, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei Nº 9.394/96, enfatiza que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 2014).

No momento atual, saber ler é tão importante quanto inalar oxigênio livre de toda e qualquer poluição. Para Badejo (2005 *apud* Santos, 2009, p.1329),

a leitura tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir.

Segundo Silva (2015, p. 54),

a leitura é um meio privilegiado não só de se obter vários conhecimentos e informações, mas também uma forma especial de entretenimento.

De acordo com Martins (2008, p. 141),

saber ler tornou-se emblema distintivo. Não só para colocação no mercado de trabalho, potencializado pelo crescimento do terciário, como para o exercício da cidadania.

Todavia, a boa leitura não se restringe somente a juntar sílabas para formar palavras, e estas para formular frases; esse preceito é defendido por Mendel (2012), citando Cassany (2006), quando enfatiza que:

Para ler um texto é necessário saber ler na linha, entre linhas e por trás das linhas. A leitura na linha é o significado literal: a soma do significado de todas as palavras de um texto. A leitura entre as linhas é tudo o que se deduz das palavras de um texto. A leitura entre as linhas é tudo o que se deduz das palavras escritas, sem que se tenha dito explicitamente. E a leitura por trás das linhas refere-se à ideologia, ao ponto de vista, à intenção e à argumentação do autor e também à relação do discurso do autor com o de outros autores (CASSANY, 2006 *apud* MENDEL, 2012, p. 54).

Nesse contexto, ler não significa apenas falar o que está escrito, a leitura passa por um processo de entendimento sobre a contextualização da escrita, ou seja, a ação discursiva não é um jogo de junção silábica ou de palavras, e sim o entendimento da mensagem textual. Assim, para ser um leitor, segundo Brasil (2007, p.40; 41),

é necessário considerar que se trata, simultaneamente, de uma experiência individual única e de uma experiência interpessoal profunda e intensa, um exercício dialógico ímpar, pois entre leitor e texto desencadeia-se um processo discursivo de decifração, interpretação, reflexão.

Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita *a priori*, ou seja, antes da leitura (MOURA, 2008, p. 373, grifo do autor). Para Badejo (2005), citado por Santos (2009, p. 1329),

a leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso à leitura.

De acordo com Koch (1999, *apud* Lins e Oliveira 2009, p. 150),

é o conhecimento de mundo que propicia ao usuário do texto a construção de um mundo textual, ao qual se ligam crenças sobre mundos possíveis e que passa pelo modo como o receptor vê o texto.

Para Goodman (1970), segundo Pereira e Guaresi (2012, p. 53), o leitor utiliza seus conhecimentos prévios para fazer antecipações e predições sobre o conteúdo do texto, fixando-se para verificá-las.

Para alguns autores, como Ângela Kleiman, a leitura à qual nos referimos não está somente nos conhecimentos prévios que o leitor possui da cultura e das experiências vividas do assunto o qual se propõe a ler, mas o leitor também precisa possuir o conhecimento linguístico. De acordo com Kleiman (1993):

[...] ele está implícito no leitor, não sendo, pois, verbalizado; tal conhecimento abrange, também, a pronúncia das palavras, passando pelo vocabulário e pelas regras da língua. O textual diz respeito ao conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso que determinam as expectativas do leitor em relação aos textos, já que o conhecimento de mundo é mais abrangente, sendo fundamental para que a compreensão seja alcançada (KLEIMAN, 1993, p. 15).

Corroboram à linha de pensamento de Kleiman (1993), Koch e Elias (2006, p. 11) se manifestam afirmando que

a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Em meio a diferentes concepções com relação ao ato de ler, se enveredarmos pelas linhas de pensamento defendidas por esses autores, iremos perceber que, para eles, a compreensão da leitura textual é consequência de um grande leque de conhecimentos prévios que podem influenciar no entendimento do leitor sobre determinado assunto.

Contudo, de acordo com Tamarozzi e Costa (2009, p.103),

para se entender o conceito de leitura não basta procurar no dicionário o significado da palavra. Ler envolve uma série de práticas e de experiências; implica em aspectos ligados ao sujeito que lê, à situação em que lê, aos motivos pelos quais lê etc.

Todavia, para Goodman (1991 *apud* DURANTE, 2007, p. 20),

só existe um processo de leitura. As diferenças

entre leitores competentes, não competentes ou principiantes não estão relacionadas com o processo pelo qual é obtido o significado, mas com a maneira de cada um utilizar o processo.

É muito comum nos depararmos com indivíduos que tomaram gosto pela leitura somente na idade adulta, outros na adolescência, mas o estímulo à leitura, segundo Mendes (2010, p. 6),

deve ser incentivado desde os primeiros anos de vida e, sem dúvidas, a família possui papel de grande importância nesse processo, sendo ela responsável por passar os primeiros valores e costumes.

Nesse contexto, o acesso a revistas de HQ parece ser um bom início, pois, conforme Vergueiro *et al.* (2014),

a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir.

Todavia, quanto à teoria de Vergueiro *et al.* (2014) de que as HQ podem ser o estímulo inicial que consolida o entendimento do texto que se lê, um dos mais renomados poetas de nosso tempo, Mario Quintana, posicionou-se totalmente contrário à utilização das histórias em quadrinhos como estímulo para a criança aprender a ler. Disse o poeta que:

As crianças de hoje não se acostumam a ler corretamente, porque apenas olham as figuras dessas histórias em quadrinhos, cujo "texto" se limita a simples frases interjetivas e assim mesmo muita vez incorretas. No fundo, uma fraseologia de guinchos e uivos, uma subliteratura de homem das cavernas (QUINTANA, 2006, p. 66).

3.1 A leitura das HQ no ambiente escolar

Mesmo com toda a lentidão peculiar não somente ao âmbito educacional, mas também a outros segmentos de suma importância para a melhoria de vida de cada cidadão, aos poucos estamos conseguindo galgar alguns degraus outrora considerados inalcançáveis. O fato é que a educação básica nacional está passando por um processo de melhorias, no qual as histórias em quadrinhos estão

sendo contempladas e preenchendo lacunas nas escolas de ensino infantil, fundamental, médio e educação de jovens e adultos.

O Programa Nacional de Biblioteca Escolar – PNBE, dividido em três diferentes temáticas, vem inserindo as HQ na composição literária das bibliotecas instaladas nas escolas públicas brasileiras. De acordo com Brasil (2017),

PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos.

Para Vergueiro e Ramos (2009),

a presença dos quadrinhos no ambiente escolar – incentivada pelo governo federal – tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras.

As revistas de histórias em quadrinhos estão se firmando como um gênero textual capaz de fidelizar o leitor de todas as idades, uma vez que lança mão do uso semântico de cunho verbal ou não verbal, ou seja, a observação das imagens, o que facilita sua aplicabilidade por parte dos docentes no contexto do ambiente de sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN do ensino da língua portuguesa contemplam as HQ como uma das possibilidades de ensino da leitura e da compreensão textual, pois as crianças, segundo Nery (2009, p. 22), possuem habilidades de

deduzir o significado da história apenas olhando a sequência dos desenhos, mesmo que ainda não saibam ler e decifrar as palavras, o que passa para elas a sensação de serem leitoras, algo importante no processo de alfabetização, assim, elas ficam familiarizadas com a atitude de ler.

Vergueiro e Ramos (2009 *apud* Santos e Vergueiro, 2012, p. 84) consideram que

a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que subsidiem práticas adequadas e levem a resultados concretos em relação ao aprendizado.

Ainda em conformidade com Santos e Vergueiro (2012, p. 84),

Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos professores.

Entre o material literário indicado pelos PCN, encontram-se, segundo Brasil (1997, p. 61),

livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel.

Todavia, de acordo com Costa e Sgarbi (2005, p. 6),

os quadrinhos constituem-se elementos que possibilitam a prática interdisciplinar, pois, além das adaptações literárias, resultam em um processo artístico, difusão dos conhecimentos científicos tanto na educação formal como na educação informal.

4. METODOLOGIA

Este estudo tem seu desenvolvimento por meio de revisão bibliográfica, com pesquisa de campo, utilizando o método de estudo descritivo, com abordagem quantitativa e análise estatística.

Nossa pesquisa foi desenvolvida com 46 alunos, 10 (dez) do 7º ano, 15 (quinze) do 9º ano, 5 (cinco) do 1º ano, 4 (quatro) do 2º ano e 12 (doze) do 3º ano, dos turnos manhã e tarde, de ambos os sexos, devidamente matriculados no Ensino Fundamental, Ensino Médio e frequentando regularmente as aulas na Escola Antônio Luiz Coelho, localizada no distrito de Amanari, no município de Maranguape – Ceará.

A coleta de dados iniciou no dia 1º de março indo até 31 de março de 2018, durante o projeto de leitura "... Porque Ler é Bom!", implantado na Escola Estadual Antônio Luiz Coelho, no município de Maranguape. O projeto busca resgatar o valor da leitura, como ato de prazer e requisito para emancipação social e promoção da cidadania. Neste sentido pensamos ser dever, de nossa instituição de ensino, juntamente

com professores e equipe pedagógica propiciar aos nossos educandos momentos que possam despertar neles o gosto pela leitura, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler. O aluno deve perceber que a leitura é o instrumento chave para alcançar as competências necessárias a uma vida de qualidade, produtiva e com realização.

Inicialmente, reunimo-nos com o grupo gestor e explicamos a relevância de nossa pesquisa e o impacto de novas metodologias de ensino para a aprendizagem da leitura. Após a explanação, a direção da escola autorizou o estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Os formulários contendo as perguntas inerentes ao estudo ficaram expostos na sala onde funciona o projeto. Ao adentrarem, os alunos eram abordados pelo pesquisador, que explicava a relevância da pesquisa e ressaltava que nenhum visitante era obrigado a responder o questionário. Após concordar em responder, o entrevistado recebia o formulário e o devolvia na saída, entregando ao dito pesquisador, que agradecia a colaboração. A pesquisa obedece às normas da resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde – CNS, no que se refere à pesquisa envolvendo seres humanos.

4.1 Resultados obtidos

Tomando como base os dados coletados por meio do questionário aplicado na pesquisa, foi constatado que os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio costumam ler HQ com frequência. Foi observado também que os educandos buscam ler gibis por gostarem, e não por obrigatoriedade. Eles foram unânimes em afirmar que as HQ ajudam no desenvolvimento deles como leitores.

Nas perguntas seguintes, metade dos pesquisados se sentiu estimulada a procurar na biblioteca da escola outros gêneros literários para ler. Entre a outra metade, a maioria afirmou que, às vezes, sente-se estimulada a procurar outras literaturas que não sejam gibis, e apenas a menor parcela dos entrevistados lê as HQ, mas nunca sentiu vontade de procurar outro tipo de leitura alternativa, fora o contexto literário obrigatório das matérias estudadas na escola.

Com relação ao tempo em que eles iniciaram o contato e leram HQ, mais da metade dos entrevistados afirmou que as Histórias em Quadrinhos estão presentes na vida deles desde quando eram crianças. Na sequência, quase $\frac{3}{4}$ dos alunos responderam que às vezes procuram ler gibis na escola. Entre o restante, a maioria sempre procura ler HQ nas dependências da escola, e apenas uma pequena parcela se manifestou afirmando que, quando está na escola, nem sempre procura ler gibis.

Outra curiosidade é que mais da metade dos pesquisados é enfática em afirmar que as HQ ajudam a compreender as matérias lecionadas em sala de aula; para o restante, eles acreditam que somente às vezes a leitura de gibis influencia na compreensão das matérias estudadas. Com relação aos professores de Língua Portuguesa fazerem uso das revistas de HQ em sala de aula, pouco mais da metade afirma que somente às vezes, sendo esporádica a utilização desse gênero literário em sala. Entre o restante, a maioria disse que os professores dessa matéria nunca levaram HQ para eles lerem. Somente a minoria afirmou que os professores contemplam os gibis como forma de ensinar a ler.

Sequencialmente, quando procuramos saber sobre a disposição de HQ na escola, mais da metade dos alunos afirmou que na biblioteca há sempre gibis à disposição deles. Pouco mais da metade do restante disse que nem sempre os gibis ficam expostos para os alunos lerem. Os outros afirmam que somente às vezes são encontrados os gibis na biblioteca.

Quando a pesquisa procurou saber se as HQ podem ajudar na escrita dos alunos, metade deles respondeu que sim, ou seja, existe uma influência da leitura sobre a escrita. Com relação ao restante, mais da metade afirma que somente às vezes sente que a leitura ajuda a escrever corretamente. Para a minoria, a leitura não tem influência nenhuma sobre a maneira de como o indivíduo escreve.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ler e escrever constitui-se como a principal habilidade adquirida pelo ser humano, capaz de proporcionar seu desenvolvimento pleno em todos

os segmentos de sua existência, facilitando sua inserção social proporcionada pela ação do hábito da leitura.

Mesmo tendo passado por momentos históricos conflitantes em todas as nacionalidades e sendo alvo de proibições de cunho político e educativo, as HQ sobreviveram a esses momentos calamitosos e agora se apresentam como um dos mais populares gêneros literários de que se tem notícia. São consideradas por educadores como uma das melhores possibilidades de interação entre o indivíduo e a leitura, o que as torna uma importante ferramenta metodológica a ser utilizada como artifício no processo de ensino-aprendizagem de nossa língua materna, bem como de outros idiomas.

Por sua caracterização eclética e seu diversificado universo de assuntos, as HQ se mostram fiéis aos gostos literários individuais de pessoas de todas as idades, sendo capazes de estimular a paixão pela leitura e fidelizar o leitor. Contudo, quando o professor utiliza esse gênero literário em sala de aula, ele está contribuindo com o despertar do prazer de se frequentar bibliotecas, influenciando a tomada de gosto pela leitura.

Quando procuramos saber se as Histórias em Quadrinhos podem nos ajudar na compreensão sobre o que acontece em nosso dia a dia, mais da metade dos pesquisados afirmou que sim. Entre o restante, a maioria dos pesquisados disse que somente às vezes a leitura de gibis influencia nessa compreensão. Já a minoria desses alunos concorda que as HQ não contribuem para que eles adquiram discernimento para compreender tudo que acontece em nosso cotidiano.

Levando em consideração os resultados obtidos do diálogo entre a pesquisa e os pesquisados, por meio de dados estatísticos, podemos chegar a um consenso de que, além de nos proporcionar uma leitura divertida, as Histórias em Quadrinhos também ampliam nossa capacidade de aperfeiçoamento da escrita, bem como nos ajudam a compreender melhor os assuntos que nos cercam diariamente. Diante desse contexto, enfatizamos a necessidade de inclusão dos gibis nas bibliotecas das escolas como meio alternativo metodológico de estímulo ao ensino-aprendizagem da leitura e ao gosto de ler.

Através desta pesquisa, chegamos à conclusão do quanto o gênero HQ pode contribuir no processo ensino–aprendizagem, pois as Histórias em Quadrinhos envolvem a leitura de mundo, trazendo diferentes situações cotidianas vividas pelos personagens. Possibilitando, dessa forma, a competência de oralidade, de leitor compreensivo, a competência argumentativa, do senso crítico,

imaginário e, além disso, desenvolvendo a capacidade para a decodificação e apropriação de diferentes linguagens. Em futuras pesquisas, sugerimos o trabalho com a leitura de outros gêneros, como as charges e as tirinhas, por exemplo, com intuito de verificar como os textos multimodais interferem na atribuição de sentido de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

ANTARES, Instituto. **Almanaque d'o Tico-Tico**. Rio de Janeiro: Consultor, 2006.

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história**: Inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia a dia. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BARCELOS, Angel. **Meu irmão não anda, mas pode voar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BELMIRO, Celia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 21, n. 72, ago. 2000.

BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania Ribas (Org). **Educação no Plural**: da sala de aulas às tecnologias digitais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.

BONFÁ, Sebastião *et al.* **Licensing**: Como utilizar marcas e personagens para agregar valor aos produtos. São Paulo: M. Books, 2009.

BOYD, Denise; BEE, Helen. **A criança em crescimento**. Porto Alegre, RG: Artmed, 2011.

BRASIL. Lei Darcy Ribeiro (1996). **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Programa de apoio à leitura e escrita PRALER**. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **Uma Identidade (não tão) Secreta**: O Superman e seu Poder de Criar Identificação. INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

COLMAN, Gabriel. **História em Quadrinhos**. Disponível em <https://ahistoriadascoisas.wordpress.com/2013/03/24/historia-em-quadrinhos/comment-page-1/> Acesso em: 15 mar. 2018.

COSTA, Juliana Veronice Conde; SGARBI, Nara Maria Fiel de Quevedo. **Falar e escrever em quadrinhos**: um estudo exploratório no 6º ano da escola Billy Gancho em nova Xavantina – MT. INTERLETRAS, ISSN 1807-1597. v. 3, Edição n. 20, de out. 2014 / mar. 2015.

- DELL'ISOLLA, Alberto. **Treinamento em leitura dinâmica**. 2 ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- DURANTE, Marta. **Alfabetização de adulto e produção de textos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Unesp, 2002.
- FRANCO, Edgar Silveira. **HQTRÔNICAS: do suporte papel à rede internet**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.
- GEHRINGER, Max (Org.). **Pílulas de Sabedoria instantânea da professora Etelvina** – livro de bolso. Porto Alegre, RG: Globo, 2009.
- GUZMAN, Sidney. **Gibi intervenção urbana**. Rizoma.net. 2002. Disponível em http://www.intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_gibi.pdf Acesso em: 18 mar. 2018.
- GONÇALO JÚNIOR, A. **A Guerra dos Gibis: formação do mercado editorial brasileiro e a censura nos quadrinhos 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria Prática**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- LINS, Maria da Penha Pereira; OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. **Revista CON(TEXTOS) Linguísticos**, Vitória, n. 3, p. 143-152. 18 set. 2009.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de republica**. 1 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.
- MATTOS, Cicero. **A turma do Janjão**. 2 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2014.
- MENDEL, Cassia Ravena Mulin de A. **Ensino fundamental 1: Práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MENDES, Michelly Cristiane Oliveira. **A biblioteca escolar e o incentivo à leitura na primeira infância: as representações sociais dos pais dos alunos do infantil IV da escola ativa**. João Pessoa: UFPB, 2010.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação**. 1 ed. Alagoas: Edufal, 2007.
- MONFARDINI, Juliana Costa de Góes; GRAZINOLLI, Daniele de Carvalho; FERREIRA, Marlene Nunes. **As epistemologias do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula: uma abordagem histórica**. XVI ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. UNICAMP, Campinas: 2012.
- MOURA, Denilda (Org.). **Os desafios da língua: Pesquisa em língua falada e escrita**. Maceió: Edufal, 2008.